

# A (RE)SIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

## THE (RE)SIGNIFICATION OF TEACHING PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL

Edson Junior Candatten<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0007-9128-5759>

Gissele Prette<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9351-1736>

Marcio de Oliveira Nunes<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0009-0008-3230-6086>

Recebido em: 06 dez. 2023.

Aceito em: 15 fev. 2024.

### RESUMO

Para um melhor entendimento, desta pesquisa, é necessário iniciar com alguns questionamentos: O que é Filosofia? Para que ela serve? E quais são seus impactos na sociedade? O objetivo geral, foi apresentar as evidências para que o ensino da Filosofia seja (re)significado visando uma crítica-reflexiva da sociedade. Foi realizado um levantamento bibliográfico que possibilitou uma visão sobre as evidências para a (re)significação do ensino de Filosofia no Ensino Médio. Os resultados da pesquisa evidenciaram o processo de estruturação, investigação e embasamento teórico referente ao objeto, concluindo-se que o tema pesquisado necessita de uma (re)significação: seja quanto aos métodos de ensino utilizados pelos professores, seja quanto à (re)formulação da carga horária da disciplina de Filosofia, nas matrizes curriculares.

**Palavras-chave:** (Re)significação. Ensino da Filosofia. Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Professor do Centro de Ciências Sociais e Filosofia e do Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras FURB. E-mail: [candatten@gmail.com](mailto:candatten@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Administração Universitária pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Assessora da Pró-Reitoria de Graduação e Professora nos cursos de Administração, Gestão Comercial, Pedagogia e Processos Gerenciais no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail: [gissele@unifebe.edu.br](mailto:gissele@unifebe.edu.br).

<sup>3</sup> Doutor em Engenharia Biomédica, Professor do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE e professor do ensino fundamental e médio no Colégio CEPAVI. E-mail: [marcio.nunes@unifebe.edu.br](mailto:marcio.nunes@unifebe.edu.br).

## ABSTRACT

For a better understanding of this research, it is necessary to start with some questions: What is Philosophy? What is it for? And what are its impacts on society? The general objective was to present the evidence so that the teaching of Philosophy can be (re)signified aiming at a reflexive critique of society. A bibliographical survey was carried out, which provided an insight into the evidence for the (re)signification of Philosophy teaching in High School. The research results highlighted the process of structuring, investigation and theoretical basis regarding the object, concluding that the researched topic requires a (re)signification: whether in terms of the teaching methods used by teachers, or in terms of (re)formulation of the course load of the Philosophy subject, in the curricular matrices.

**Keywords:** (Re)signification. Teaching Philosophy. High school.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, seja qual for a área de conhecimento, as práticas de ensino estão cada vez mais desafiadoras, o que não é diferente no ensino da Filosofia, pois não há consenso, no senso comum, sobre a importância de aprofundar ou mesmo estudar, esta área de conhecimento. Para que haja um melhor entendimento, nesta pesquisa, é necessário iniciar com alguns questionamentos: O que é Filosofia? Para que ela serve? E quais são seus impactos na sociedade?

Ressalta-se que, o ensino de Filosofia, foi incluído como componente curricular, obrigatório, para o Ensino Médio, pela Lei n.º 11.684/08 (Brasil, 2008), que alterou o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), que estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional.

Mac Dowell (2010, p12), afirma que “no mundo atual a filosofia apresenta-se, em primeiro lugar, como uma prática social, uma atividade profissional, ao lado de outras, própria daqueles que se dedicam ao estudo e ao ensino [...]”. Desse modo, seguindo a concepção do autor: identifica-se que a Filosofia, busca o sentido no presente da realidade em que está inserida, pois seu objeto de estudo, está voltado para um melhor entendimento na e da humanidade.

O homem na contemporaneidade está vivendo um processo de aniquilamento do passado e do futuro, os indivíduos do presente crescem em uma espécie de presente contínuo, sem fazer qualquer relação orgânica com o passado, vivem para

si, não para os outros que virão a seguir, na posteridade, assim sendo ocorre uma perda no senso de continuidade histórica (Hobsbawm, 1995; Lasch, 1983).

Ávila; Pereira (2021), apontam que ainda é mais complexo quando a Filosofia se trata de um componente curricular, pois os sistemas educacionais estão eliminando das matrizes curriculares, os conteúdos crítico-reflexivos, e o das artes, para inserir conhecimentos profissionalizantes, utilizando-se de uma lógica utilitarista e do lucro. Desse modo, a humanidade está desprezada, pois não parecem conduzir ao desenvolvimento pessoal ou da economia social.

Nesse sentido, destaca Nussbaum (2015), que estão sendo eliminados esses tipos de conhecimentos das matrizes em favor dos cursos técnicos, pois conforme afirma o filósofo alemão Karl Jaspers (2006), sem esse conhecimento, seria mais fácil manipular as pessoas:

Muitos políticos veem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência da Filosofia. Massas e funcionários são mais fáceis de manipular quando não pensam, mas tão-somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir que os homens se tornem sensatos. Mais vale, portanto, que a Filosofia seja vista como algo entediante. Oxalá desaparecessem as cátedras de Filosofia, quanto mais vaidades se ensine, menos estarão os homens arriscados a se deixar tocar pela luz da Filosofia (Jaspers, 2006, p. 139)

Diante desse contexto, entende-se que o estudo da Filosofia possui um papel importante na atualidade, não somente para os entusiastas da Filosofia, mas para a sociedade como um todo. Pois, a Filosofia é o conhecimento que demonstra que as verdades convictas incomodam (Mac Dowell, 2010). Nesse sentido, nos ensina a não nos deixarmos nos iludir, a sermos corajosos e combater a inércia perante ao contexto, pensando no passado, presente e no futuro (Jaspers, 2006).

O objetivo geral dessa pesquisa é apresentar evidências, para que o ensino da Filosofia seja (re)significado visando uma crítica-reflexiva da sociedade. A pesquisa é denominada como descritiva e qualitativa, focada na Filosofia da Educação, no componente curricular da Filosofia na Educação do Ensino Médio.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de caso conforme Nascimento (2012) são pesquisas descritivas, com a função de compreender as particularidades, pois só assim será possível, evidenciar as variáveis envolvidas. Este tipo de pesquisa proporciona uma análise da situação atual do objeto em estudo, desenvolvendo análises e conclusões.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, e tem enfoque descritivo, pois estuda os fenômenos sociais, busca compreender e interpretar a realidade, os sujeitos e os dados. Para Alves (1991, p.54),

[...] o que existe de mais comum entre suas diversas formas é a tradição *verstehen* (hermenêutica). Esta abordagem parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Para Stake (2011, p.21), a pesquisa qualitativa envolve a ciência, as experiências pessoais e a intuição com o foco no aprimoramento dos experimentos e teorias, ou seja: a pesquisa “qualitativa significa que seu raciocínio se baseia na percepção e na compreensão humana”.

Minayo (1993, p.24) afirma que

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados que correspondem a um espaço mais profundo de relações que não podem ser reduzidos a equações. Compreende e explica a dinâmica das relações sociais, que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalha com a vivência e também com a compreensão das estruturas como resultado da ação humana.

O percurso metodológico adotado foi a realização de um levantamento bibliográfico, que possibilitou uma visão sobre as evidências para a (re)significação do ensino de filosofia no Ensino Médio.

Por meio de análise interpretativista, os dados das pesquisas encontradas foram contrastados com o referencial teórico apresentado, possibilitando confirmar reflexões teóricas dos autores, a partir de dados empíricos. Análise e a interpretação de dados, conforme destaca Severino (2007, p. 57),

Interpretar, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor.

Mascarenhas (2012), asseverando que a pesquisa qualitativa é utilizada para descrever nosso objeto com mais profundidade, aponta três características da pesquisa qualitativa: 1. As informações são levantadas e analisadas concomitantemente; 2. Os estudos são descritivos, pois o foco é na compreensão do objeto, e 3. A persuasão do pesquisador é vital.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A realidade da pesquisa do ensino da Filosofia na contemporaneidade é uma tentativa de compreender as dificuldades que atravessam, o caminho a ser percorrido. Diz respeito a analisar os problemas que emergem a partir do desinteresse dos estudantes em relação a esta área do conhecimento, bem como da formação docente, Rodrigues; Ferreira (2021) apontam que,

A hipótese levantada para a situação alarmante de desinteresse pela disciplina de Filosofia fundamenta-se na dicotomia entre teoria e prática vivenciada pelo professor da disciplina no decorrer de todo o processo de sua própria formação docente. Isso porque, nessa formação, aquilo que se propõe ser o ensino de Filosofia não se coaduna com o modo como é vivenciado esse ensino em sala de aula no Ensino Médio, nem com a construção do sentido da vida cotidiana dos futuros educandos (Ferreira; Rodrigues, 2021, p. 2030).

Desse modo, Mac Dowell (2010), destaca que, a ação de filosofar não equivale apenas conhecer a história do pensamento filosófico, mas compreender que os estudos dos outros pensadores, contribuem para a formação pessoal da própria realidade. O contato com os textos filosóficos permite um autêntico diálogo, no qual o próprio pensamento é provocado pelas questões que levantam e pelas respostas que propõem. Como diz Heidegger:

Começamos a filosofar quando entramos em diálogo com os filósofos. Isto implica que discutamos com eles sobre aquilo do qual eles falam. [...] Uma coisa é averiguar as opiniões dos filósofos. Outra, inteiramente diferente, é

discutir com eles o que dizem, aquilo sobre que eles dizem (Heidegger, 1956, p.31).

Entende-se que é preciso desmistificar o ensino da Filosofia. D'Agostini (1997), destacou em seus estudos as dificuldades de falar de filosofia nos dias hoje:

- a) Porque não existe “a” filosofia, mas muitas filosofias, muitos modos e razões para se dizer filósofo;
- b) Porque se fala mais apropriadamente e frequentemente de filosofias aplicadas (da política, da ciência, da religião) e não tanto da filosofia como saber ou postura do pensamento;
- c) Porque se suspeita que a filosofia como tal não exista, ou seja um resíduo inútil da cultura ocidental, incapaz de dialogar com as outras formas de saber e de responder aos problemas atuais (D' Agostini, 1997, p. 3-4).

Nesse sentido, é tempo de parar e refletir e buscar a (re)significação do ensino de Filosofia, demonstrando que não é algo enigmático (algo distante da realidade individual e social do estudante do Ensino Médio) e que não pode ser compreendido, pois os alunos que nunca tiveram contato com a filosofia no Ensino Fundamental ao chegarem no Ensino Médio, enxergam-na de forma enigmática, como um conhecimento que não lhe dizem respeito, pelo fato de que muitas vezes nunca foi vista, ouvida ou pensada (Rodrigues; Ferreira, 2021).

A Filosofia como os demais componentes curriculares é indispensável, pois proporciona uma experiência reflexiva não apenas a respeito da obrigatoriedade legal, mas sobre a importância dessa disciplina adicionada aos interesses e indagações dos alunos do Ensino Médio, tornando possível (re)pensar atitudes que se vivenciam atualmente, para ações que contribuam para uma sociedade diferenciada, destaca (Filho, 2020). O pensamento filosófico conforme destaca Machado (2010) é:

[...] é criador porque faz nascer alguma coisa que ainda não existia, alguma coisa nova, uma singularidade. E neste sentido pode-se dizer que os conceitos são assinados, têm o nome de seu criador: ideia remete a Platão, substância a Aristóteles, cogito a Descartes, mônada a Leibniz, condição de possibilidade a Kant, duração a Bérgeon (Machado, 2010, p. 8).

O foco é projetar o ensino da Filosofia, Deleuze; Guattari (1997), na obra: *O que é Filosofia?*, publicada em 1991 na França e traduzida no Brasil a partir de 1992, apresentam que a Filosofia em dois aspectos, sendo eles: a) primeiramente a atividade do pensamento, tornando-a uma importante ação no processo de ensino-

aprendizagem, ao compreender que a experiência do pensamento não é um produto, mas sim, ato da própria experiência e b) a especificidade de criação conceitual. Conceito aqui entendido, não como definição ou representação, pois isso paralisa o problema após sua solução, pois a definição responde à pergunta e cessa o movimento de criação conceitual. Nesse sentido, o conceito é para que seja possível (re)significar o mundo, no entanto a Filosofia pode contribuir com essa ação, na medida em que se afasta dos pressupostos impostos para pensar no próprio mundo. Uma lição é enfatizada por Gallo; Kohan (2000), ao afirmarem que:

a experiência de pensamento filosófica traz em si a marca da necessária remissão à História da Filosofia. Não se pensa filosoficamente sem o recurso a uma história de mais de dois mil e quinhentos anos. Se a criação conceitual deve ser feita sobre o vivido, ela não pode deixar de lado as reflexões já produzidas sobre ele. Mas a remissão à História da Filosofia não pode significar um retorno ao mesmo: essa remissão deve ser essencialmente crítica e criativa, e é aqui que a Filosofia se faz multiplicidade. Retomar um conceito é problematizá-lo, recriá-lo, transformá-lo de acordo com nossas necessidades, torná-lo outro. O diálogo com a História da Filosofia é uma fonte de desvio, de pensar o novo, repensando o já dado e pensado (Gallo; Kohan 2000, p. 194).

Na mesma linha de pensamento Franklin Leopoldo da Silva destaca que a História da Filosofia pode ser compreendida, como centro ou como referencial, trazê-la para o centro “significa localizar os sistemas e autores na ordem histórica do seu desenvolvimento, visando a familiarizar os alunos com os problemas e as formas de encaminhamento das soluções” (Silva, 1986, p. 156), desse modo os estudantes por meio da orientação do docente, entram em conexão com as ideias dos grandes pensadores e suas obras, como referencial para as discussões.

Para tanto o ensino de Filosofia deveria “provocar, mobilizar o pensamento, empurrá-lo para invadir outros territórios” (Alencar, 2011, p. 120), mas os alunos muitas vezes não compreendem o conteúdo ensinado e nem metodologia utilizada pelo professor.

Nesse sentido os modelos educacionais, alusivos às propostas curriculares e técnicas de ensino inclinam-se a favorecer estratégias orientadas “[...] pelos princípios de adaptabilidade e ajuste de mercado, competitividade, rentabilidade e mensurabilidade” (Pucci, 2009, p. 7), resultando um aprendizado entendido como capacidade de memorização mecânica, voltado à aquisição de determinadas

habilidades e conhecimentos por meio da repetição de conteúdos padronizados, regras e “esquemas divorciados de sua gênese de fundamento” (Silva, 1992, p. 159).

Quando o ensino da filosofia é praticado de forma enciclopédica os alunos não conseguem perceber a aplicabilidade e estabelecer analogias com as situações do mundo contemporâneo, para que o ensino-aprendizagem ocorra de modo significativo o professor possui um papel fundamental para que esse processo aconteça com êxito, também se evidencia a (re)invenção da prática docente, de modo que o docente fundamente os conceitos relacionando-os a prática.

O filósofo e educador brasileiro Dermerval Saviani, destaca que a tarefa da filosofia da educação:

[...] será oferecer aos educadores um método de reflexão que lhes permita encarar os problemas educacionais, penetrando na sua complexidade e encaminhando a solução de questões tais como: o conflito entre “filosofia de vida” e “ideologia” na atividade do educador; a necessidade da opção ideológica e suas implicações; o caráter parcial, fragmentário e superável das ideologias e o conflito entre diferentes ideologias; a possibilidade, legitimidade, valor e limites da educação; a relação entre meios e fins na educação (como usar meios velhos em função de objetivos novos?); a relação entre teoria e prática (como a teoria pode dinamizar ou cristalizar a prática educacional?); é possível redefinir objetivos para a educação brasileira? (Saviani, 2013, p. 28).

A filosofia subsidia a área da educação com pressupostos teóricos e metodológicos, suas elaborações favorecem não somente a assimilação dos problemas por parte dos docentes, bem como a análise prática e a indicação dos possíveis caminhos na resolução dos problemas, afirma Araújo *et al.* (2022). Sendo assim, entende-se a importância de (re)pensar a formação docente na área da Filosofia no Ensino Médio, objetivando à (re)estruturação da prática docente alinhada ao contexto cotidiano dos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o processo de estruturação, investigação e embasamento teórico referente ao objeto de pesquisa, conclui-se que o tema pesquisado necessita de uma (re)significação: seja quanto aos métodos de ensino utilizados pelos professores, bem como, quanto a (re)formulação da carga horária da disciplina de Filosofia, nas matrizes curriculares.



Destaca-se a relevância do ensino de Filosofia, para o desenvolvimento individual e social do aluno do Ensino Médio, e como o seu estudo se constitui, em uma opção de reflexão crítica dos modelos educacionais apresentados e praticados: alusivos em como às propostas curriculares e técnicas de ensino inclinam-se a favorecer estratégias orientadas “[...] pelos princípios de adaptabilidade e ajuste de mercado, competitividade, rentabilidade e mensurabilidade” (Pucci, 2009, p. 7), resultando em um aprendizado entendido como capacidade de memorização mecânica, voltado à aquisição de determinadas habilidades e conhecimentos por meio da repetição de conteúdos padronizados, regras e “esquemas divorciados de sua gênese de fundamento” (Silva, 1992, p. 159).

O ensino da filosofia, com a colaboração das outras áreas de conhecimentos (ciências), contribui para o entendimento dos fundamentos da educação evidenciando-se no ser humano e na sociedade, dentro de um diálogo que se faz presente na formação dos estudantes, dos professores e nas políticas educacionais, de forma mais ampla, na práxis:

Ao relacionar o princípio filosófico da práxis à realidade para arquitetar, por meio de uma proposta educativa, formas de romper com a ideia de manter a realidade como ela é, ou seja, ao defender a existência do homem enquanto ser histórico e social, inserido no mundo em constante transformação, Freire supera Hegel (1992), para quem a práxis não passa de um momento do processo de autoconsciência do absoluto. Em seu idealismo absoluto, Hegel (1992) entende que o pensar e o agir dos homens sobre seu contexto histórico não devem se ocupar com a transformação de sua realidade. Sua filosofia, portanto, é discordante da concepção de práxis enquanto atividade (trans)formadora (Carvalho; Pio, 2017, p. 434).

Assim sendo, essa pesquisa não tem como intenção exaurir o conteúdo do tema proposto, mas oportunizar uma proposta de discussão para pesquisas futuras envolvendo tal abordagem.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Marta V. **O ensino de filosofia - uma prática na Escola de Aplicação da FE-USP**. 2011. p. 1-238. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17072012-103111/pt-br.php>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 77, p. 53-61, 1991.

AVILA, Brayan Lee Thompson; PEREIRA, Fábio Inácio. O papel da Filosofia na atualidade: uma discussão a partir de trabalhos de conclusão de curso.

**Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v.23, n.4, 9. 996-1016, set./dez. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/31277>. Acesso em: 26 maio. 2023.

ARAÚJO, Maria Núbia de; PEREIRA, Maria Elly Krishna dos Santos; GONÇALVES, Ruth Maria de Paula. A relação entre filosofia e educação: aportes teóricos e orientações metodológicas para a pedagogia. **Filosofia e Educação**. Campinas, SP, v.14, n.2, p.38-57, mai/ago. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668592>. Acesso em: 26 maio. 2023.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional – LDB e dá outras providências. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 de dez.1996.

BRASIL. **Lei nº. 11.684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 jun. 2008.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; PIO, Paulo Martins. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora.

**Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.98, n.249, p. 428-445, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.98i249.2729>.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/zpsDMKRZvTM3BwNSZLb8Cqp/#>. Acesso em: 31 maio 2023.

D'AGOSTINI, F. **Analitici e continentali – Guida alla filosofia degli ultimi trent'anni**. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 2.ed. Rio de Janeiro: 34, 1997

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FILHO, Ismael da Silva. **O Ensino da Filosofia para a Formação do Aluno no Ensino Médio**: Desafios de uma Educação menor na Atualidade. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Estadual de Monte Carlos, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/644829/2/UNIMONTES-IsmaelFilho-Turma2018-2020.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

- GALLO, Silvio; KOHAN, Walter. Crítica de alguns lugares comuns ao se pensar a Filosofia no ensino médio. *In*: KOHAN, Walter O. (org.) **Filosofia no Ensino Médio**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000., Vol. VI.
- HEIDEGGER, Martin. **Was ist das – die Philosophie?**. *Pfullingen*: Neske, 1956 [GA v.11].
- HEGEL, G. W. F. **A fenomenologia do espírito**. São Paulo: Nova Cultural, 1992. (Os Pensadores).
- HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras. 1998. p. 13.
- JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 138-140.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1983. p. 25
- MAC DOWELL, J. A. A. A missão da Filosofia Hoje. **Revista de Filosofia PUC de Minas: Sapere Aude**, v.1, n.1, 2010. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/1067>. Acesso em: 26 maio. 2023.
- MACHADO, Roberto. Introdução por Roberto Machado. *In*: **Sobre o Teatro: Um manifesto do menos; O esgotado**. Gilles Deleuze. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.
- MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- MYNAIO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- NASCIMENTO, Luiz Paulo do. **Elaboração de projetos de pesquisa: monografia, dissertação, tese e estudo de vaso, com base em metodologia científica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos. Por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 25.
- PUCCI, Bruno. **A Escola e a Semiformação mediada pelas novas tecnologias**. *In*: PUCCI, B. (org.); ALMEIDA, Jorge de (org.); LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (org.). *Experiência formativa & emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009.
- RODRIGUES, N. F.; FERREIRA, S. M. L. As implicações da reforma do novo ensino médio na prática e na formação docente em filosofia. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 2020–2055, 2021. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8664187. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8664187>. Acesso em: 26 maio. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Franklin Leopoldo e. História da Filosofia: Centro ou Referência? *In*: NIELSEN NETO, H. (org.). **O Ensino de Filosofia no 2º. Grau**. São Paulo: SEAF/SOFIA, 1986.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Por que Filosofia no segundo grau**. Estudos Avançados. São Paulo, v.6, n.14, p.157-166, jan/abr 1992 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340141992000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141992000100010). Acesso em: 12 mar. 2023.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.